

# **CORPOS ROBUSTOS: *HYGIENE E EDUCAÇÃO PHYSICA* NAS ESCOLAS DA CIDADE DA PARAHYBA (1913-1924)**

**Azemar dos Santos Soares Júnior<sup>1</sup>**

De acordo com o anúncio do jornal *A União* do dia 22 de janeiro de 1913, o secretário da *Escola Normal*, José Eugênio Lins de Albuquerque, convidava a quem pudesse interessar a se matricular do curso pedagógico. A escola esteve aberta do primeiro ao último dia de fevereiro daquele ano. Um dos pré-requisitos para investidura na escola foi o atestado médico, provando estar vacinado ou não ter sido afetado de varíola, e não sofrer de moléstia contagiosa ou incompatível com o magistério. Nesse mesmo ano, as escolas primárias da cidade da Parahyba ganhavam duas novas disciplinas: *Hygiene e Educação Physica*. Tinha início, naquele momento, o processo chamado medicalização da escola.

Outras formas de sensibilidade definidas pelos novos padrões de saúde começavam a ganhar forma nas escolas. Isso se verifica de maneira substantiva no anseio pela “higienização social que passava pela educação do corpo no âmbito escolar, na forma de exercícios físicos, ginástica, cantos, jogos e conhecimentos sobre o corpo e o seu funcionamento”<sup>2</sup>. O que na Paraíba parecia novo, a prática da disciplina de *Hygiene*, já era comum no século XIX, na capital do Império. É o que afirma José Gondra<sup>3</sup> ao descrever que uma parcela da elite já recebia esse tipo de educação higiênica nas escolas. No começo do século XX, esse movimento ganha maior sonoridade, mobilizando outros profissionais, como médicos, educadores, engenheiros, biólogos, dentre outros ligados às questões da instrução pública.

Nesse momento, os cuidados com o corpo da criança, de homens e mulheres passaram, no espaço escolar, a fazer parte do projeto de medicalização da escola, educação higiênica e moralização dos costumes. A escola tornava-se um lugar de disseminação do saber médico, das normas de civilização e moral que doutrinavam corpos, faziam inculcar novos hábitos e viam na infância o lugar correto para essa prática. A medicalização do espaço escolar e do aluno<sup>4</sup> na Paraíba ocorreu quase que simultaneamente: à medida que o jornal *A União* publicava reformas na estrutura física das escolas, também sugeria a implantação de disciplinas que higienizassem

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília e Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba. E-Mail: <azemarsoares@hotmail.com>.

<sup>2</sup> PYKOSZ, Lausane Corrêa; OLIVEIRA, Marcus Aurélio Tadorda de. “A higiene como tempo e lugar da educação do corpo: preceitos higiênicos no currículo dos grupos escolares do Paraná”. *Currículo sem fronteiras*, n. 1, jan/jun. 2009, p. 136.

<sup>3</sup> GONDRA, José. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2004, p. 214.

<sup>4</sup> Para o historiador Antonio Gomes Ferreira, que realizou pesquisas sobre a infância nas escolas de Portugal, existiram duas linhas de abordagem em relação à higienização escolar e que também foram visíveis no Brasil: a primeira direcionada à medicalização do espaço por meio das prescrições dos discursos higienistas sobre a construção dos edifícios escolares, a segunda contemplou a medicalização do aluno. Cf. FERREIRA, Antonio Gomes. “Modernidade, higiene e controle médico da infância e da escola”. In: ALMEIDA, Malu (org.). *Escola e modernidade: saberes, instituições e práticas*. Campinas: Alínea, 2004, p. 97-111.

o corpo e a mente dos alunos.

Em visita à Escola Normal, o Presidente da Paraíba, o Sr. Castro Pinto evidenciou a falta

*[...] de commodos e mobiliário daquele estabelecimento [...] encontrou uma área livre e ajardinada, achando-a, porém, exígua e insuficiente. Notou que alguns compartimentos para outras aulas tem muito pouco ar e pouca luz, não correspondendo as exigências de caracter hygienico e escolar, cheirando a bafio e com uns deploráveis signaes de humidade pelas paredes.<sup>5</sup>*

O discurso médico é percebido na fala do presidente Castro Pinto, ao evidenciar o fato das escolas estarem fora dos padrões de caráter higiênico e escolar. Dentro da escola, foram tomadas medidas de higiene para a educação do corpo do aluno com a finalidade de conduzi-lo a uma civilização dita saudável, forte, vigorosa, ordenada, higienizada. Uma educação que abriria espaço para a inserção da medicina no ambiente escolar, uma vez que se percebia a escola primária como principal foco de ação daquele serviço considerado profilático. Essa educação visava romper com hábitos ditos impróprios trazidos de casa. A criança deveria aprender bons modos na sala de aula e levar esses hábitos para o espaço do lar, atuando, assim, como educadores de seus familiares. Eram depositadas nos alunos, no ambiente escolar, as regras de higiene, saúde, civilidade, etiqueta, modos, etc., como espaço de socialização infantil. Dessa forma, criavam crianças “bem educadas”, que disseminavam, em suas casas, os manuais de boa conduta higiênica. O investimento do projeto de medicalização da escola recaía sobre as crianças, pois estas seriam a nação do futuro. Foi através de normas disciplinadoras de higiene que as crianças passaram a ser educadas.

A presença do médico na escola tornou-se uma recorrência. Sua presença podia ser percebida na estrutura física da escola, na exigência dos documentos no ato da matrícula, na formação dos professores, nas aulas de higiene, nas anotações das cadernetas, nos jogos, na educação física. Vejamos o exemplo das cadernetas adotadas por algumas escolas na cidade da Parahyba:

*CADERNETAS ESCOLARES, MÉDICAS E PEDAGÓGICAS – É absolutamente indispensável ao educador conhecer a marcha do crescimento physico e desenvolvimento mental, da criança afim de por uma attenta e cuidada hygiene physio-psychica assegurar a evolução normal do corpo e do espírito. E é por isso que médicos e pedagogistas reclamam, insistentemente, a instituição de cadernetas escolares, em que sejam notadas com regularidade e cuidado todas as observações anthropometricas, medicas, biologicas, physiologicas e psychicas, todos os incidentes, variações e crises de crescimento da criança. A caderneta escolar medico pedagógica é o cadastro psicologico da creança que*

<sup>5</sup> A União, 09 mai. 1913.

*permite avaliar o que ella vale e que ella valerá.*<sup>6</sup>

Com a adoção desse tipo de caderneta, o professor tornava-se responsável por anotar todos os dados médicos de seus alunos. Segundo a notícia, eram divulgadas informações como: desenvolvimento da estatura, do perímetro torácico, do diâmetro biacromial, investigação da influência das estações e as suas consequências pedagógicas e as funções respiratórias e circulatórias, o crescimento físico e a energia mental (quando aquele acelera, este afrouxa), etc., refletindo, assim, sobre a condição sanitária do aluno, livrando-o de lições prolongadas ou de atividades físicas inconvenientes, tudo em conformidade com o “seu estágio patológico, confirmando-se assim a sua utilidade e sabedoria do mestre pois ella é o cadastro physiologico e psycologico da creança que permite avaliar o que ella vale e o que ella valerá”<sup>7</sup>.

A caderneta escolar médico-pedagógica obrigava o professor a respeitar as fases perigosas da infância, da adolescência ou da juventude, fazendo distinguir os seus alunos e separá-los não só enquanto o adiantamento intelectual, mas também quanto a seus estados de normalidade ou anormalidade, adotando, para cada aluno, sua pedagogia conveniente. Dividida em duas partes, esse documento de registro dos docentes sobre os discentes guardava observações pedológicas para conhecer o crescimento físico do aluno, constantes do crescimento em peso, em estatura, medida ergométricas do corpo, dentre outras observações repetidas intermitentemente. Do outro lado, havia as observações pedagógicas para conhecer o desenvolvimento mental do aluno, seu aproveitamento em classe durante as horas de aula, aproveitamento durante as estações, influência da pressão barométrica e quociente do aproveitamento, quais os melhores métodos, etc., somando-se, ainda, o julgamento para calcular qual “a hygiene physio-psychica ambicionada” e o paralelo entre as duas observações precedentes, tirando-se conclusões sensatas e úteis.

Dessa forma, a intervenção do médico era indispensável. Os inquiridos presentes nas cadernetas só podiam ser abertos

*[...] mediante um questionário. Cuidado por uma orientação superior e pela intervenção do médico na escola, o professor poderá responde o questionário com mais segurança, chegando-se o mais possível da verdade. Ao menos como medida de conservação ou de collecção dos resultados dessas pesquisas deverão ser copiados nas cadernetas.*<sup>8</sup>

As vantagens desse tipo de investigação tornaram-se importante para conhecer o corpo dos alunos, suas questões de saúde e higiene conferidas como uma função de destaque para o bom funcionamento, ou seja, para o melhor desenvolvimento dos alunos. O jornalista José Cardoso, ao comentar a reportagem publicada em 11 de novembro de 1913 pelo jornal *A União*, exclamava: “deveria provocar em todos os professores parahybanos a curiosidade scientifica destes estudos e leval-os directamente a observação, criando com este artifício um novo interesse pelo ensino”. Esse tipo de medida higiênica soava urgente no sentido de beneficiar o aluno, pois os novos estudos sobre o corpo, noções de hygiene e pedologia serviam para evitar

<sup>6</sup> *A União*, 11 nov. 1913. Grifos meus.

<sup>7</sup> *A União*, 11 nov. 1913.

<sup>8</sup> *A União*, 11 nov. 1913.

as lucubrações mortais e conhecer as condições fisiológicas e psíquicas das crianças evitando assim as desatenções, todas mórbidas e o “nenhum aproveitamento” por parte dos alunos.

Na edição de 03 de agosto de 1913 do jornal *A União*, o jornalista Carneiro Leão denunciava que os “programas espalhafatosos e ociosos”, os “métodos deficientes”; sem os instrumentos adequados, sem mobiliário próprio, sem um “gabinete de pedagogia e higiene escolar”, tornavam impossível qualquer regularidade no ensino do “nosso povo”. Chamava a atenção para a importância do debate acerca das práticas corporais nas escolas através da participação das várias disciplinas relacionadas à educação, saúde, serviço militar, para assegurar os benefícios dessas práticas ditas saudáveis para os alunos. A criação das disciplinas de Higiene e Educação Física foi fruto desse debate, buscando disciplinar os corpos, criar gerações sadias e desempenhar uma forte formação moral. Assim, o ensino de Higiene

*[...] almejou mais que a exclusão e a interdição compulsória dos hábitos dos alunos, mas a produção de dispositivos que possibilitassem um novo modo de cada um prestar atenção a si mesmo, cultivar em si um asseio, um modo de viver, produzindo-se e conhecendo-se como sujeito saudável. Por isso a extensão de uma higiene, física sim, mas também sexual, dietética, mental e, sobretudo moral, e a insistência dos médicos em incorporá-las ao currículo escolar e ao cotidiano da escola.*<sup>9</sup>

A disciplina de Higiene proposta por médicos abrangia múltiplos saberes, entre os quais os mais abrangentes foram a educação física, o ensino de uma educação alimentar e a educação mental e moral. Eram saberes que “traduziam uma nova individualidade a ser exercitada na escola, mas também para além dela, com o intuito de assegurar dentre os escolares outro saber-ser, outras relações com o próprio corpo, sua aparência e a estética pessoal”<sup>10</sup>. Propagava-se, assim, a existência de uma consciência entre mestres e educadores profissionais sobre a higiene das crianças que buscou combater

*[...] a irritabilidade, a preguiça, a moleza, a desobediência dos vossos filhos e discípulos, que correspondem sempre a uma tal ou qual desorganização da sua vida: é um estomago dilatado, um cérebro mal nutrido, uns nervos frouxos, uma perturbação geral nas funções dos seus órgãos. Antes que vos irriteis com elles buscai cural-os, daí-lhes uma hygiene, ou aconselhae aos pais que assim façam, levae-o a respirar bom ar, tonificae-o no sol, alimentae-o com sobriedade.*<sup>11</sup>

A missão de orientar a educação higiênica tornava-se, naquele momento, uma

<sup>9</sup> STEPHANOU, Maria. “Saúde pela educação: escolarização e didatização de saberes médicos na primeira metade do século XX”. In: *Anais do I Congresso Brasileiro de História da Educação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000, p. 07. Disponível em: <[http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/114\\_maria\\_ste.pdf](http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/114_maria_ste.pdf)>. Acesso em: 11 out. 2010.

<sup>10</sup> STEPHANOU, “Saúde pela educação...”, p. 06.

<sup>11</sup> *A União*, 03 ago. 1913.

função da escola, que se irradiaria para os lares através do combate daquilo que era considerado pelo discurso médico-pedagógico uma “perturbação nas funções dos seus órgãos”. A educação física passava a ser inimiga da preguiça e da moleza, disciplinava os corpos por meio de exercícios, tornando-os saudáveis e belos, afastava as doenças e buscava método de curá-las, educava os gestos, controlava a alimentação e lapidava a mente, galgando torná-la perspicaz, enérgica, rápida. Os bons hábitos físicos eram responsáveis por esse tipo de mudança que extrapolava os muros das escolas, assegurando ao corpo aquilo que foi chamado de “higiênico”: respirar bons ares, bronzear o corpo à luz do sol e alimentá-lo com sabedoria, ingerindo comidas saudáveis.

A disciplina de higiene reorientou os hábitos ao introduzir o ensino de prendas, formas de saber fazer dotes pessoais capazes de despertar o interesse do outro, a ocupação da mente e o desempenho financeiro individual. A *Escola Normal*, por exemplo, na cidade da Parahyba, foi pioneira ao adotar, em 1913, por meio da disciplina de higiene, os cursos de trabalhos de renda, flores artificiais e outras prendas domésticas. No ano seguinte, a pedido do presidente Castro Pinto, foram trazidas professoras da Bélgica para organizar o ensino e inserir no currículo escolar as “indispensáveis” noções práticas da arte culinária, aulas de prática de costumes habilitando as jovens alunas à freqüência da “boa sociedade”, aos salões, à mesa de refeições, ao bordo, aos teatros, às visitas.

Numa entrevista publicada pela *A União* em 12 de maio de 1913, Castro Pinto justificava a introdução dessas “prendas” na *Escola Normal*. Após acompanhar a comitiva do presidente Hermes da Fonseca que visitou algumas escolas do estado do Espírito Santo e da Bahia, percebeu que, naqueles estabelecimentos de ensino, podia-se assistir a exercícios coletivos de ginástica sueca executadas pelas alunas que arrancaram os mais entusiásticos aplausos dos numerosos expectadores. Assim, o ensino de higiene aparece associado a outras disciplinas que não teriam “tradição” com a educação do corpo como finalidade última. E seja qual fosse a

*[...] escola, ou seja qual for o grau ou o adiantamento, ao lado do ensino literário tem o exercício physico por meio de aulas ao ar livre, de gymnastica, o aperfeiçoamento moral pelo exemplo dos próprios mestres – prelecções referentes ao caráter, ao dever de um cidadão de uma pátria livre.<sup>12</sup>*

Dessa forma, os exercícios físicos contribuíram para a aquisição de corpos sadios, fixando, nas escolas, a crença em suas possibilidades de transformar os corpos das crianças, representados como raquíticos, débeis e fracos, em desejados corpos sadios, belos, robustos e fortes. Os hábitos higiênicos dos alunos ficaram a cargo da disciplina de higiene; esta, por sua vez, determinou uma forte associação com a educação física e a educação moral. A integração permitiu o desenvolvimento de novas formas de convívio social para os alunos, a fomentação de normas para o controle higiênico e a afirmação do corpo enquanto objeto corrigível, que almejava assegurar a saúde e a modelação dos sentidos. O sonho de corrigir o corpo das decrepitudes físicas constituía-se, nas décadas de 1910 e 1920, uma prática individual e coletiva.

Constituiu-se, em 1913, uma escola dita moderna que queria que o corpo sujeito

<sup>12</sup> *A União*, 08 ago. 1913.

a alma fosse robusto e sadio. Orientar os educandos para a prática do banho como uma outra sensibilidade foi ideia divulgada pelo discurso médico-pedagógico como imprescindível para uma boa educação higiênica. Os professores, ao falar sobre a importância do banho em sala de aula, poderiam recorrer à história dos gregos e dos astecas, é o que mostra o jornal *A União*:

*Sugestionado talvez pelos espartanos no tocante a educação physica principiada na infância elle reclamava para o corpo certas mortificações que bem lembravam os padecimentos dos astecas: as creanças eram obrigadas a banhar-se sem sentir frio, a caminhar na chuva e a dormir em leitos duros feitos só de lâ. Para conseguir tal intento ellas deviam sempre tomar banhos, mesmo pelo inverno, correr e jogar.*<sup>13</sup>

Os modelos espartano e asteca remetiam à higienização do corpo associada à coragem, ao físico robusto, ao modelo de educação que modelava o corpo por meio do esporte. Assim, não poderia ser o clima frio que impediria o banho diário, em especial, numa cidade como a da Parahyba, que, a maior parte do ano, possui um clima quente. Correr e jogar tornavam-se atividades importantes para o desenvolvimento do físico, e, de forma saudável, indicava-se um bom banho para eliminar a sujeira e deixá-lo limpo, cheiroso e com boa aparência. Banhar-se passou a ser um princípio fundamental que deveria se adaptar ao ensino e à educação ao desenvolvimento físico, intelectual e moral da criança, pois torna o corpo higienizado, afasta a doença e revela uma sensibilidade: a beleza.

O antigo modelo de educação passou a ser bombardeado no início do século XX pelos novos discursos de enaltecimento do corpo, da saúde, da higiene, da moralização dos costumes. Essas falas ganharam sonoridade com os parâmetros da “escola moderna”, que via na educação higiênica do corpo uma forma de assegurar a boa forma, eliminar as torpezas, travar uma luta contra as doenças e encarar a educação como a “educação do corpo”, do seu desenvolvimento físico, intelectual e moral. Esse novo modelo afirmava que, no padrão educativo anterior, os alunos ficavam

*[...] enclausurados em salas nem sempre higienicas e confortáveis, afastados da vida real pelas quatro paredes da escola, os estudantes aprendendo de memória cousas abstractas e inúteis, sentiam-se como num mundo a parte de arrocho e artificialidade comprometendo o que mais é a saúde e a felicidade.*<sup>14</sup>

Em seu lugar, seguia a proposta da aplicação da educação física na educação intelectual através de jogos capazes de tornar os corpos das crianças dispostos para o trabalho, além de determinar aquilo que a criança ama e deseja: a sua liberdade! Deveria dar ampla permissão para agir, suas iniciativas, suas espontaneidades, externando as suas inclinações que apontam os “defeitos” que careciam de remédios. Os jogos eram recomendados nas escolas como um artifício para corrigir a

<sup>13</sup> *A União*, 28 abr. 1914. Grifos meus.

<sup>14</sup> *A União*, 28 abr. 1914.

instabilidade infantil. Um sistema que agrega a educação física à educação intelectual, que via nos estudos um sistema racional de educação da infância, que encarava o estudo como uma recreação dos seus jogos e os jogos como uma recreação de seus estudos. Assim, tinha realce a importância da educação física assinalando o posto que lhe competia na ciência pedagógica.

Para Marcus Taborda de Oliveira<sup>15</sup>, foi sobre a educação física que recaíram os maiores esforços e investimentos intelectuais no longo processo de afirmação da escola elementar, o que mostra a inclusão nas escolas de práticas de educação física, de educação sanitária, de ensino de higiene, assim como o exame médico regular no início do século XX, tal como já ocorria no âmbito escolar em outros países.

Outro ponto de discussão sobre a higiene escolar entre médicos e pedagogos era o material didático utilizado em sala de aula e a estrutura física dos grupos escolares. Os preceitos de higiene considerados indispensáveis para o bom funcionamento dos grupos escolares adotados na construção dos mesmos “incorporavam pressupostos de uma pedagogia conhecida como moderna, [a higiene] enfatizava a importância do ar puro, da luz abundante e de uma adequada localização sanitária”<sup>16</sup>.

As escolas deveriam ser construídas em lugares centrais, de fácil acesso, seguros e equipados com o serviço de higiene pública. Prezava-se por locais altos devido à boa ventilação, à distribuição de água e às condições higiênicas, ou seja, distante dos monumentos de lixo que se formavam nos cantos dos muros, cemitérios, longe dos lugares governados pela imundície, evitando, assim, o contágio e proliferação das mais diversas doenças que poderiam invadir o corpo dos alunos. Estes requisitos foram debatidos por médicos, engenheiros e pedagogos na intenção de colocar em prática as novas normas de higiene.

Se observarmos a estrutura física do *Colégio de Nossa Senhora das Neves*<sup>17</sup>, podemos confirmar o discurso abaixo:

*O edifício do Colégio Nossa Senhora das Neves fica situado na zona urbana sem vizinhança imediata; é limitado ao norte e ao sul por ruas calçadas e de pouco trânsito; a leste pela praça Dom Ulrico; ao oeste pela chácara do Colégio. Acha-se em perfeita condição de salubridade. É bem ventilado e sua fachada principal voltada para oeste. O colégio estando afastado não há RUÍDO algum que venha perturbar a*

<sup>15</sup> OLIVEIRA, Marcus Taborda de. “Educando pelo corpo: saberes e práticas na instrução pública primária nos anos finais do século XIX”. In: BENCOSTA, Marcus Levy (org.). *Culturas escolares e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 272.

<sup>16</sup> PYKOSZ, A *higiene...*, p. 146.

<sup>17</sup> O *Colégio de Nossa Senhora das Neves* teve sua construção iniciada em 1895, sofrendo modificações e ampliações em datas sucessivas de acordo com a necessidade. Em 1920, possuía um vasto estabelecimento em boas condições de isolamento, iluminação, ventilação e corredores que permitia uma fácil fiscalização das salas de aula. O edifício tem forma de U e suas condições gerais são as seguintes: dois pavimentos, um superior e outro térreo. Nestes estão localizadas seis salas de aula, secretaria, gabinete da diretora, gabinete dentário, gabinete de higiene, gabinete de física, de história natural, sala de geografia e dormitório. No pavimento superior ficam oito salas de aula, o arquivo, a sala de desenho, a sala dos professores, a sala de piano e três dormitórios. Em 1906, esse estabelecimento passou a ser dirigido pelas religiosas do Instituto da Sagrada Família. Cf.: *Histórico do Colégio Nossa Senhora das Neves*. Cf. ALMEIDA, Manuel. *Histórico do Colégio Nossa Senhora das Neves*. Cidade da Parahyba: s.r., 1924.

ATENÇÃO DAS ALUNAS. *A linha de bonde passa a 100 metros de distância da praça D. Ulrico, logo não há perigo para a entrada e saída das alunas. Não sendo o lugar, ponto de diversão, nenhuma influência pode desviar a atenção das mesmas.*<sup>18</sup>

O documento faz questão de ressaltar o fato de o colégio estar dentro dos padrões higiênicos estabelecidos pela saúde pública: possuir uma “perfeita condição de salubridade”, estar localizado numa região alta, portanto “ventilada”, distante do barulho que pudesse, por ventura, atrapalhar o entendimento, bem como afastado das más influências – os pontos de diversão. Vale ressaltar que o terreno onde foi construída a escola é argiloso e com ligeiro declive, facilitando o escoamento das águas. A escola, assegurava o *Instituto da Sagrada Família*, possuía “todas as condições” recomendáveis pela pedagogia e pela higiene.

Entendo que o prédio escolar não possuía apenas uma função simbólica, mas também, estética, despertando na criança uma modelação dos sentidos. Os estudiosos da época defendiam que os prédios escolares deveriam oferecer um aspecto agradável, porque a própria estética do edifício influi sobre a moral das crianças, contribuindo para chamar a atenção e simpatia tornando a escola um ponto atrativo. Os espaços de “divertimento”, livres ou cobertos, tornaram-se um convite para os alunos que viam nos jogos e na ginástica uma forma de recreação<sup>19</sup>. O *Colégio de Nossa Senhora das Neves*, por exemplo, possuía 2890 m<sup>2</sup> livre e 712 m<sup>2</sup> de área coberta para esportes e brincadeiras.

O jornal *A Imprensa*, na edição de 03 de abril de 1916, lamentou o fato das escolas públicas não possuírem área suficiente para os exercícios da cultura física, afirmando de forma incisiva a existência de prédios vergonhosos, “verdadeiros pardieiros intitulados escolas públicas”. A notícia ainda sugeriu a construção de prédios escolares apropriados a seu fim, fazendo bradar a queixa a uma parcela da população paraibana que tinha acesso ao jornal e que segundo o periódico católico “é amiga de instruir sua juventude”. Para os jornalistas d’*A Imprensa*, os prédios escolares deveriam ser

*[...] educativos já na sua própria concepção arquitetônica [...] desde a proclamação da República, os rituais de inauguração das escolas passaram a ser cerimônias em que ‘o dar a ver’ – a visibilidade – tornava-se o gesto marcante, o grande espetáculo, no qual evidenciavam-se os sinais da nova ordem: edifícios altos, amplo, iluminados, métodos pedagógicos modernos e mobiliário adequado.*<sup>20</sup>

<sup>18</sup> ALMEIDA, *Histórico...*, p. 15.

<sup>19</sup> A prática de recreios e da ginástica era defendida como imprescindível para evitar a estafa mental que poderia ser causada por seções consecutivas de atividades intelectuais; para isso, fazia-se necessário um espaço reservado para essas práticas, geralmente os pátios dessas escolas. Ver: *Para descanso do “espírito” e proveito do vigor físico*. Cf. MEURER, S. S.. *Para descanso do “espírito” e proveito do “vigor físico”*: o processo de institucionalização do recreio no currículo da escola primária paranaense (1901-1924). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.

<sup>20</sup> MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p. 106.



O mesmo se aplicava à utilização do material didático, que, com o passar do tempo, sofreu uma série de modificações, acompanhando os novos padrões de higiene da escola moderna. Essa característica, em 1913, era comum às escolas privadas, como o *Colégio de Nossa Senhora das Neves* e o *Colégio Marista Pio X*; só a partir da década de 1920 foi inserida, aos poucos, nas escolas públicas, iniciando pela *Escola Normal*. A substituição da lousa pelo papel era defendida como mais higiênica:

*Impõe-se portanto a substituição da lousa pelo emprego do papel que é mais higienico, mais pedagógico e mais econômico. 1) O papel é mais higienico porque evita a saliva tão comumente empregada pelos meninos na limpeza da lousa. 2) É mais pedagógico porque: a) reclama menos força muscular; b) obriga o aluno a ter mais atenção no exercício, produzindo por isso um trabalho mais reflectido e mais consciente; c) afirma o sentimento de responsabilidade por não poder a creança apagar o que faz; d) acaba com o ruído inconveniente das lousas, quando são distribuídas ou recolhidas, ou quando cahem no chão [...] a lousa está banida de todas as escolas de São Paulo. O governo da Parahyba deve fazer o mesmo.<sup>21</sup>*

O papel fora utilizado em larga escala nas escolas a partir da segunda década do vigésimo século. A orientação do uso de outros acessórios na sala de aula, como a borracha, passou a ser divulgada pelos professores, sendo tal prática considerada mais higiênica, abolindo a utilização de saliva, o barulho e mau odor que ficava impregnado nas mãos após esfregar o cuspi na lousa. A denúncia de que o governo da Parahyba deveria seguir o mesmo modelo do estado de São Paulo se justifica para as escolas públicas que ainda insistiam no antigo padrão, não civilizado.

Outro problema muito debatido era a iluminação das salas de aula. Segundo o jornal *A União*, a luz não poderia vir pela frente, por detrás e por cima do aluno, pois deveria ser lateral e lateral esquerda para que a sombra da mão se projetasse sobre o papel que o menino escrevia. A má iluminação do espaço escolar poderia causar problemas sérios, em especial para a visão dos alunos, além de deixar o lugar sombrio, escuro, causando medo. Portanto, recomendava-se que a iluminação fosse “natural, bilateral e elétrica”. No sentido de disciplina e controle dos alunos, a claridade era de fundamental importância, pois permitia que os docentes tivessem uma visão mais nítida do comportamento de seus alunos.

Outra forma de controle sobre o corpo do aluno foi a organização da sala de aula. As carteiras deveriam estar sempre enfileiradas e numa distância específica entre uma e outra. Sentar de mau jeito já era considerado um indício de má conduta, uma incivilidade que não poderia ser tolerada pelos docentes. Por outro lado, as doenças da coluna cervical eram causadas pela falta de postura ao sentar. Até mesmo a distância entre a cadeira e a mesa poderia ser causadora desse mal, daí a necessidade de vigiar atentamente a postura ao sentar e a distância entre os mesmos. Com o título CUIDADO!, o jornal *A União* chamava a atenção de seus

<sup>21</sup> *A União*, 19 mai. 1914.

leitores para a prática comum da postura ereta ao sentar e ao andar. Determinava que, nas salas de aula, o banco e a mesa das carteiras deveriam

*[...] guardar distâncias convenientes, pois do contrário o aluno vicia-se mal o que lhe deixa corcunda, encurvado literalmente (escoliose) ou myope e mesmo estrábico [...] cada sala de aula pode comportar 45 carteiras dispostas em fileiras afastadas uma das outras.<sup>22</sup>*

Ultrapassar esses limites seria ir de encontro com as normas estabelecidas pelas repartições de saúde e educação do estado da Paraíba, que mandavam observar a posição do corpo dos alunos, porque uma postura má deformava o físico, ofendia o órgão visual e impedia a livre respiração. Dessa forma, ordenava-se que os professores vigiassem a posição do corpo dos alunos durante os exercícios escritos. Qual será a posição correta de uma criança na carteira? Perguntava a edição d'A *União* de 22 de novembro de 1917. A resposta vinha logo abaixo:

*Columna vertebral e corpo erecto, os hombros horizontaes, a cabeça ligeiramente inclinada, sendo um pouco mais encurvada para a vista myope, pelo abaixamento do queixo e não pela encurvatura do colo e da columna vertebral ou a cabeça erecta, o corpo direito repousando sobre os ischions e o braço sobre os cotovelos, sem torção nem encurvamento da coluna vertebral para trás. O eixo dessa é paralelo ao fio do prumo.<sup>23</sup>*

A orientação da *Escola Normal e do Colégio de Nossa Senhora das Neves*, era manter as carteiras organizadas em fila dupla e bem adaptadas à estatura das alunas para evitar problemas de saúde e em bom estado de conservação. Só em 1923, o *Colégio das Neves* inovou, adotando carteiras individuais e ajustáveis ao corpo de suas alunas, tomando cuidado com a acústica das salas e pintando-as de cor verde para dar mais alegria ao ambiente.

Com o crescente número de alunos com problemas de coluna e visão, a *Repartição de Hygiene* proferiu, em 1917, uma série de conferências para os professores sobre o tema. Os cuidados para não deformar o corpo das crianças eram uma recorrência na fala dos médicos da época. Esse tipo de prática não se efetivava apenas por meio de conferências, o médico passou a ser um profissional presente na escola através das inspeções médico-escolar a fim de exercer uma *Instrução Pública* que almejava o “progresso da educação”. Assim, a “inserção de observações, medições e classificações na escola por médicos e professores tinham associação, ainda, com a tentativa de fazer da pedagogia uma ciência, incorporando a ela outros conhecimentos”<sup>24</sup>. Na conferência, o *Director de Hygiene* pronunciou sua fala aos professores escolares da Paraíba alegando que

*[...] a escoliose (encurvatura lateral para direita ou para esquerda) é uma doença da escola e ella é tanto maior*

<sup>22</sup> A *União*, 21 nov. 1917.

<sup>23</sup> A *União*, 22 nov. 1917.

<sup>24</sup> PYKOSZ, A *higiene...*, p. 144.

*quanto maior for a distancia vertical e antero-posterior do assento da carteira. A escoliose é devida a muita altura da mesa porque então para atingi-la terá o pequeno de levantar o braço e a espádua, alongando o corpo à custa de uma deformação deplorável ou ao muito afastamento da carteira. O corpo da criança deverá ficar no mínimo a 5 centímetros da mesa.*<sup>25</sup>

A preocupação com a postura dos alunos ao sentar visava eliminar os desvios e excessos depositados no corpo, tratava-se de uma questão de bons hábitos e assegurava a saúde individual. Sendo assim, uma educação moral da saúde do corpo fazia muitos pontos da pedagogia e da educação física dialogarem. A prevenção e/ou os cuidados com a postura do corpo tinham a função de melhorar o aspecto físico, intelectual e moral das crianças, justificando-se, segundo os médicos, com o estabelecimento de uma disciplina, que quanto mais assentada na força dos hábitos e da vontade, mais eficaz será como norteadora da conduta de indivíduos.

Um equilíbrio entre higiene, educação física e educação intelectual tornou-se necessário para os médicos: cuidar da cultura do corpo para que este abunde em vigor, sabedoria e saúde. A própria educação mental

*[...] impulsionada pela crescente consolidação da Psicologia e da Psiquiatria, e a educação física, incentivada pelo desenvolvimento da Fisiologia, da Eugenia e de outras disciplinas que se debruçaram sobre o corpo com o intuito de moldá-lo, treiná-lo, mas também extrair-lhe o máximo de energias e utilidade.*<sup>26</sup>

Revelando, assim, uma forte tendência moralizante no discurso científico empregado no ensino. A atenção e os cuidados se voltam para o corpo das crianças, prezando sempre pelo bom desenvolvimento físico, elevação moral<sup>27</sup> e aperfeiçoamento intelectual. Para isso, a preservação da saúde ficava a cargo dos conteúdos de higiene e educação física, principais responsáveis pela propagação desse saber entre os alunos.

Ainda nesse contexto de cultivo de corpos, as atenções também se voltaram para aquilo que José Gondra<sup>28</sup> chamou de *Ingesta*: uma discussão dos médicos sobre a rotina alimentar nos colégios, a quantidade, a qualidade e a variedade dos alimentos consumidos, recobrando, desse mesmo modo, os condimentos e os lugares de preparo das refeições. Ou seja, uma inquietação nutricional por parte dos médicos higienistas que já existia desde o século XIX, preocupações referentes à

<sup>25</sup> A *União*, 25 nov. 1917. Grifos meus.

<sup>26</sup> STEPHANOU, “Saúde pela educação...”, p. 08.

<sup>27</sup> Nesse sentido, a higiene mental na escola acrescia ainda a profilaxia da delinquência ou, como afirmavam alguns médicos, o combate ao crime ou delito. Estes resultavam de uma anomalia psíquica ou fundavam-se numa origem social. Dentre as causas da anomalia psíquica, salientava o grande fator criminoso, representado pelos efeitos do alcoolismo, hereditariamente transmitido às crianças. Os médicos divulgavam a importância da higiene mental e moral na perspectiva de educar a vontade, educar o caráter, proteger a decência e guiar a prática dos bons hábitos. Ver: STEPHANOU, “Saúde pela educação...”, p. 07.

<sup>28</sup> GONDRA, *Artes...*, p. 191.

nutrição eficaz da criança, aleitamento materno e, num plano mais voltado à escola, a introdução no cotidiano das crianças de uma rotina alimentar.

Na fabricação do discurso alimentar na disciplina de higiene, ficava claro que a alimentação não deveria limitar-se a explanações abstratas sobre os alimentos, pois

*Os colégios enquanto espaços privilegiados para o desenvolvimento físico, moral e intelectual dos infantes e adolescentes, deveriam, portanto, funcionar como um espaço/tempo de reordenamento da cultura alimentar, à época ainda imperfeita entre nós, segundo os critérios da ciência médica. Cabe, pois procurar entender os caminhos defendidos pela higiene para a necessária reeducação nutricional dos escolares.*<sup>29</sup>

Dessa forma, cabia à escola difundir os conhecimentos básicos sobre a ciência da nutrição, “endossando a legitimidade científica do ensino de higiene alimentar [...], pois a boa nutrição era uma ciência, dispunha de um corpo de doutrinas e nisto se diferenciava do conhecimento vulgar”<sup>30</sup>. O conhecimento das substâncias alimentares capazes de vigorar o corpo e assegurar a saúde faz perceber a importância que deve “merecer a alimentação dos educandos quando ela preenche novos fins, concorrendo para o desenvolvimento e crescimento do corpo [...] sem uma boa alimentação sacrifica-se o desenvolvimento físico dos alunos”<sup>31</sup>.

Era obrigação da disciplina de higiene ensinar as noções de higiene dietética, “demonstrando as crianças que uma alimentação racional distava muito do simples comer à saciedade e ainda o ensino de comportamentos saudáveis e asseados nas refeições”<sup>32</sup>. Os excessos na alimentação deveriam ser cortados para garantir o bom funcionamento do corpo e evitar o desenvolvimento de gorduras ganhadas por meio de alimentos calóricos e pouco nutritivos. Ação que já despertava o interesse de homens e mulheres serviram de modelo do corpo perfeito, um corpo estudado pela ciência, divulgado pelos médicos, ensinados pelos professores e desejado pelos alunos. Um corpo livre das torpezas, das decrepitudes físicas. Um corpo que se libertava da malha asfixiante da gordura. Um corpo anunciado nas escolas, divulgado na imprensa e despertado na vida das crianças. Ser possuidor do corpo perfeito aos moldes médico-pedagógicos da época passou a ser divulgado também fora da escola como mecanismo de demonstração para a população do modelo a seguir: convidou-se

*[...] a secção de bombeiros da polícia sob o commando do tenente Alexandre Loureiro para realizar exercícios físicos com novos aparelhos adquiridos no Rio de Janeiro para o bom funcionamento do corpo. Esses exercícios realizar-se-ão as 13 horas em frente ao Colégio de Nossas Senhora*

<sup>29</sup> GONDRA, *Artes...*, p. 192.

<sup>30</sup> STEPHANOU, “Saúde pela educação...”, p. 09.

<sup>31</sup> GONDRA, *Artes...*, p. 192.

<sup>32</sup> STEPHANOU, “Saúde pela educação...”, p. 09.

As ações citadas acima mostram os benefícios dos exercícios físicos, através da apresentação dos bombeiros com seus corpos esguios, que serviam de modelo a ser seguido, resultando no desejo de possuir o mesmo corpo malhado, saudável e limpo, fazendo o alunado compreender as vantagens que se alcançam com a cultura física, que não era senão o esteio básico do cultivo moral e intelectual. Segundo edição de 15 de agosto de 1917 d'A *União* os corpos possuíam uma tal fortaleza de construção que se mostravam aptos a competir com os mais formosos *specimens* das raças superiores e fortes. Nesse sentido, a alimentação também era contemplada pelo discurso do corpo saudável, especialmente por ser considerada ainda “defeituosa” e porque “não está a merecer o qualificativo de racional”, principalmente devido ao fato de comer em demorado carne o que torna o corpo mais ou menos inapto a auferir todos os proveitos que poderá proporcionar um bem organizado sistema da ginástica. Mesmo sabendo da importância nutritiva da carne, o jornalista Erico Magalhães indagava: Por que não adaptarmos o vegetarianismo? Para ele, seria o melhor caminho para garantir “raríssima e permanente jovialidade”. Indicou ser dever de todos, desde criança, tornarem-se vegetarianos convictos e adversários rancorosos do fumo e do álcool que com a carne formam a tríade fatídica dos inimigos d'alma, destruidora solerte da alegria de viver.

A indicação se direcionava para a aplicação de regras de boa alimentação como forma de garantir a juventude e o bem estar. Nas escolas, a rotina alimentar era adaptada à distribuição do tempo e de algumas atividades escolares, pois a alimentação não podia ser muito abundante nem muito escassa<sup>34</sup>, mas o suficiente para manter as funções do corpo em perfeito estado e a energia satisfatória para a realização da ginástica. A alimentação na infância, bom como em todas as etapas da vida, possui a função de garantir ao corpo uma boa aparência, uma pele bonita, uma vida saudável, assim, também

*[...] um corpo cuja vida se acha atrofiada pelo rachitismo ou pela doença, não terá o mesmo vigor physiologico, mesmo a pujança intellectual e moral dos sãos e robustos. Adotemos, pois os meios racionais de cultura e alimentação com o acessório imprescindível dos dormitórios arejados e higienicos e teremos assim dado um passo na realização nesse ideal helênico de beleza e felicidade que outrora constituía a máxima preocupação dos habitantes e dos governos da afortunada península mediterrânea dominadora*

<sup>33</sup> A *União*, 24 jul. 1919.

<sup>34</sup> O excesso poderia provocar o aumento da quantidade de massa sanguínea e da quantidade relativa de glóbulos, o que elevaria o ritmo normal e a energia das funções e provocaria funestas conseqüências, tais como, congestões, hemorragias cerebrais e as já conhecidas e repetidas indigestões. A escassez provocaria magreza e redução das forças do organismo, fazendo com que os alunos contraíssem moléstias e absorvessem todos os princípios miasmáticos e contagiosos. A escassez de alimento poderia, ainda, causar hidropisia (acumulação anormal de líquido seroso, com soro, em tecidos ou cavidades do corpo), escorbuto (doença que se caracteriza pela tendência hemorrágica provocada pela falta de vitamina C), ou qualquer outra patologia relacionada ao empobrecimento do sangue. Cf: GONDRA, *Artes...*, p. 193.

do mundo antigo.<sup>35</sup>

Portanto, os professores deveriam sempre lembrar que é sobre a cultura física que repousa o desenvolvimento das qualidades éticas e intelectuais do indivíduo por um processo lógico de determinismo cujo conceito altamente filosófico, penetra, hoje, os mais variados ramos da ciência, a forma de manter a beleza e a felicidade, apetite e desejos, emoções e gestos próprios dos discursos médicos nutritivos da época. O corpo belo é exaltado quando comparado ao modelo grego e bombardeado pela prática dos desvios e excessos que cercam o corpo por todos os lados.

No dia 10 de outubro de 1917, o Dr. Vital de Melo orientou salutares medidas de higiene alimentar para a “nossa gente” ao ordenar a fiscalização das padarias, cujos produtos pagavam-se preços exorbitantes. De acordo com o relato do médico, apenas uma padaria da capital possuía condições desejáveis de higiene. A mesma medida de fiscalização se estendeu para a cozinha das escolas, onde

*[...] foi remediado com um plausível acto de energia fazendo os seus auxiliares fiscalizarem a respectiva manipulação ao mesmo tempo que os chefes de cozinha foram forçados a adotar-as de melhoramentos indispensáveis como revestimento de paredes e azulejo, mesas de mármore, limpeza geral, etc.<sup>36</sup>*

Uma boa alimentação somada à educação física, afirmavam os médicos, era resultado de uma vida sadia. A disciplina de educação física começou a ganhar espaço a partir da década de 1910 na cidade da Parahyba. O *Colégio Nossa Senhora das Neves*, o *Colégio Diocesano Pio X* e a *Escola de Aprendizes Marinheiros* eram os únicos estabelecimentos de ensino da cidade da Parahyba que possuíam cursos obrigatórios de ginástica para seus alunos. A cultura física adotada nessas escolas buscava desenvolver, junto ao físico, os aspectos moral e intelectual. São escolas que fomentavam e ensinavam

*[...] a cultura physica mantendo além dos exercícios regulares da gymnastica sueca a cargo do competente profissional Sr. Honorato de Oliveira outros desportes atléticos, que os alunos praticam com real utilidade para a sua saúde – na objectivação do mens sana in corpore sano.<sup>37</sup>*

O modelo de atividade física adotado nessas escolas – gymnastica sueca – fora aplicado com a função de “salvar a Pátria”, ao lado dos moços que desejam ser fortes e bons, cidadãos dignos e homem a altura das necessidades e do futuro de “sua grandiosa e afflicta nacionalidade”. Quanto à prática dos exercícios físicos nas escolas católicas,

<sup>35</sup> *A União*, 14 ago. 1917. Grifos meus.

<sup>36</sup> É bom ressaltar que a ação do médico Vital de Melo estendeu-se ainda aos merceiros e vendedores ambulantes, cafés e restaurantes, obrigando uns aos outros a exporem seus produtos em depósitos cobertos, envidraçados ou não, furtando, assim, as mercadorias de consumo à invasão de poeira e contacto de insetos de toda ordem. Como representante de hygiene federal, o Dr. Vital de Melo, em pleno vigor no estado da Paraíba, consolidou as suas tradições de profissional sanitaria, utilizando do poder público para educar por meio da hygiene. *A União*, 10 out. 1917.

<sup>37</sup> *A Imprensa*, 03 abr. 1916.

*[...] devemos lembrar a ilustrada redação d'A Notícia que o Colégio Diocesano Pio X mantém o ensino da gymnastica sueca para os seus alunos – facto, aliás, que não é novidade, pois esse curso não é de agora. Elle já foi registrado elogiosamente pela imprensa indígena e mereceu honrosa referencia na mensagem presidencial que o Exm<sup>o</sup>. Sr. Castro Pinto dirigiu ao poder legislativo a 1 de setembro de 1914.*<sup>38</sup>

São escolas que, no discurso proferido n'A *Imprensa*, incentivavam seus alunos a realizarem exercícios higiênicos, ao ar livre como passeios pela manhã em torno dos pitorescos arredores da capital; a “gymnastica” sueca, tão recomendada pelos “melhores médicos do mundo”; o desenvolvimento regular e progressivo dos músculos e o bom funcionamento do aparelho respiratório; a natação, considerada como um dos mais completos e úteis *sports*, as diversas corridas a pé e de obstáculos e outros exercícios tendentes ao bom funcionamento do organismo humano de que tratam os compêndios. Por fim, a edição d'A *Imprensa* de 16 de setembro de 1916 ainda afirmou que os professores sabiam que na educação moderna a educação física era feita conjuntamente com a educação moral e intelectual da criança e a juventude. Um tipo de educação que almejava formar uma “mocidade parahybana”, que, ao mesmo tempo que se dedica aos livros, procura tornar-se vigorosa fisicamente para lutar e vencer pela inteligência e pela robustez.

Empregava-se, cotidianamente, nas páginas dos jornais da época que circulavam pelas ruas da cidade da Parahyba, frases sobre as virtudes da educação física adotada nas escolas: “A educação physica é sabido, prepara a educação da vontade e a educação propriamente dita, esclarece a consciencia, inicia a noção do direito e do dever, prepara o ideal da autonomia”; “Pela physica a natureza humana executa, externas a sua concepção: a esta excitação dos músculos a esta agillidade elle denomina gymnastica”. Além dos mais renomados nomes, para o jornalista da “ciência mundial”, Plínio, o moço orientou que “é admirável como do corpo anima a ação do espírito”, para Pringle “o ar impuro mata mais que a espada”, Celso afirmou que “a melhor medicina é não ter necessidade de medicamentos”, Alexandre Dumas postulou: “devo ao meu estômago o espírito sempre disposto”; para La Rochefoucauld, “é uma vida fastidiosa viver com muito remigen” e Montesquieu foi incisivo: “as ceias matam a metade das pessoas em Paris”. São afirmativas intituladas “Conselhos médicos” uma seção na qual os mais renomados médicos da cidade da Parahyba, como Flávio Maroja e Teixeira de Vasconcelos, escolhiam pensamentos sobre um determinado tema e encaminhavam para a redação d'A *Imprensa*. O interesse era despertar no leitor o hábito da manutenção da saúde por meio de exercícios físicos, de ações comuns que trouxessem benefícios físicos para o corpo e para o espírito. Também uma forma de conquistar alunos para as escolas privadas, anunciando que, por meio da educação física e do esporte, os filhos das “tradicionais famílias parahybanas” seriam saudáveis, fortes, inteligentes e enérgicos.

A educação física nas escolas tinha a importância de salientar um físico harmônico, em estado de equilíbrio funcional, de imunidade biológica e de perfeita adaptação

<sup>38</sup> A *Imprensa*, 03 abr. 1916.

ao meio, como complemento da educação intelectual. Uma profilaxia individual e coletiva, que envolvia aspectos higiênicos, estéticos, intelectuais, didáticos, como uma atividade racional e ponderada, modeladora dos sentidos e responsável pela lapidação do corpo e dos costumes. Vale ressaltar, ainda, que, segundo Maria Stephanou, a escolarização da educação física indica uma proposição específica quanto ao gênero, pois se era importante a educação física do homem, seria mais ainda a educação física da mulher, de cujas qualidades biológicas dependiam a vida e a saúde de seus filhos. A mulher era responsável

*[...] pela feitura da raça e do lar, então as meninas precisavam mais da educação física do que os meninos porque o corpo dela era mais débil e exposto as maiores influências nocivas. Por meio de uma educação física orientada cientificamente, as meninas desenvolviam o santuário da maternidade, o peito e a bacia por uma ginástica racional, maximizando as potencialidades de seus corpos.*<sup>39</sup>

A educação física da mulher foi um dos pontos de debate entre os médicos que lançavam saberes para os docentes. Um grupo de profissionais passou a debater esse tema de forma específica, incentivado, especialmente, pelos médicos Carlos Delgado Fernandes e Flávio Maroja. Com texto de Coelho Neto, *A União* estampou, na edição de 18 de julho de 1917, a “Educação Physica da Mulher”, uma matéria que noticiava um evento promovido para discutir o corpo feminino e sua modelação pela educação física. O *Cinema Morse* foi palco para o pronunciamento da conferência do professor Bianor de Oliveira, mostrando a necessidade da educação física para as mulheres. Com uma numerosa plateia de jornalistas, médicos, políticos e professores, o diretor da Instrução Pública do estado da Paraíba, cel. José Moura, apresentou o conferencista e assegurou aos ouvintes a necessidade, em tempos de política eugênica, dos cuidados com o corpo e a mente. Em sua fala, o conferencista contemplou, a princípio, a distinção fundamental que existia entre a acrobacia e a ginástica higiênica, geralmente conhecida como ginástica sueca com notáveis cálculos demográficos de sua pátria, afirmou ainda, a importância que o belo sexo tem pela educação física de que lhe advém diretamente o aprumo das linhas corporais, a serenidade de ânimo e essa intrepidez tão de molde a definir a ténpera dos caracteres, condenou o uso dos espartilhos ainda inseparável das elegâncias femininas na maioria dos países e incentivou a vida ao ar livre. Citou diversas vezes o médico carioca Eduardo Magalhães, que, da capital federal, enviava, para outros estados, novas normas de conduta médica e física. Dentre suas citações, a que mais me chamou a atenção, foi publicada pelo *A União* em 18 de julho de 1917: “o médico carioca faz uma invocação a onipotência feminina, que move as obstinações mais arraigadas e se confunde com a própria vontade divina, pela sua intensiva e irresistível actuação”, o que mostra uma exaltação ao corpo feminino enquanto santuário da vida, um corpo capaz de produzir a vida, portanto deveria ser por direito cuidado, higienizado, saudável, forte, belo. Sua “irresistível atuação” seduz, encanta, fascina.

Esse tipo de evento, promovido por acordo entre o *Serviço de Higiene* e a

---

<sup>39</sup> STEPHANOU, “Saúde pela educação...”, p. 07.



*Instrução Pública*, passou a ser uma recorrência no cotidiano dos profissionais da saúde e educação e de todos aqueles que se preocupavam com o bem estar físico da população. O conhecimento passou a ser debatido entre os profissionais, assegurando a medicalização da escola e os padrões higiênicos sobre o corpo. Esses encontros científicos sempre acabavam com muitos aplausos pelo “selecto auditório” e a participação da banda de música da força policial que tocava sempre em frente aquela casa de diversão.

A disciplina de higiene passou a ser responsável pelo bom funcionamento do corpo. Não ensinava apenas normas comuns de higiene, como asseio e higiene individual, mas também, o cuidado com a saúde física. A introdução da educação física passou a modelar o corpo, adestrar as crianças para serem bons cidadãos, fortes, saudáveis. O ensino de higiene promoveu a medicalização da escola e depois do aluno. Não parou por aí. Educou os modos, orientou os bons hábitos e promoveu a disciplina do corpo. Tratou de posturas como sentar, andar e falar, bem como divulgou saberes próprios a determinadas ocasiões, os cuidados com as partes individualizadas do corpo e o controle da emoção. Fez nascer o desejo de alcançar o modelo de beleza proposto pela medicina, fazendo crescer a lapidação corporal para se ter o que está em voga. O corpo passou a ser desejado individualmente. Sua lapidação diária libertava da feiura, das doenças, das mazelas e de tudo que lembrava a torpeza.

Uma reforma no ensino de higiene só aconteceu na década de 1920, quando já havia sido implantada em todas as unidades de ensino pública. Diz a reforma que

*[...] em matéria de línguas se estudem portuguez, frances e inglês ou allemão, todos com gymnastica no 1º e 2º anno. Do 3º anno em diante apparece uma nova língua – Portuguez Superior – o que leva a considerar-se inferior o portuguez anterior. Ainda esse anno tem logar a gymnastica, que só do 5º anno em deante sede o posto a philosophia, como se na época de taes conhecimentos pudesse o jovem estudante prescindir daquelle aprasivel meio de estimular a saúde.<sup>40</sup>*

Estimular a saúde, afirma o documento sobre a reforma, era uma das funções da disciplina de higiene e educação física. Desde cedo a criança recebia influência sobre seu corpo daquilo que era considerado saudável, das doutrinas medico-pedagógicas que ganhavam espaço nas escolas da cidade da Parahyba, e estas passavam a ser consideradas, assim, como espaços do limpo e do sujo, espaços da substituição do corpo imundo pelos corpos hígidos, da expulsão das doenças e da valorização da saúde. Esses conhecimentos ganhavam as ruas, invadiam as casas, adentravam os corpos. A educação física disciplinava o coração, educava a alma e embelezava o corpo. Uma educação que desejava corpos que se exercitam, que desejam o limpo e abominam o sujo.



<sup>40</sup> *A União*, 23 abr. 1923. Grifos meus.

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a disciplinarização dos corpos das crianças por meio da introdução das disciplinas de *Higiene* e *Educação Física* nas escolas da cidade da Parahyba no início do século XX. São novas formas de sensibilidade definidas pelos novos padrões de saúde que começavam a ganhar forma nas escolas. Um projeto que visou construir corpos robustos, saudáveis e belos, que combateu os corpos sujos e valorizou o limpo. Uma proposta médico-pedagógica que viu na infância a melhor fase para implementar uma educação higiênica, daí, a necessidade de dar ênfase aos princípios ditados pelos manuais pedagógicos de civilidade que desejavam corpos de sujeitos históricos hígidos e cheirosos, profícuos e admiráveis. Para tanto, utilizei como fonte os jornais *A Imprensa* e *A União*. Com base nessa documentação, foi possível analisar o processo de medicalização nas escolas primária da capital paraibana.

**Palavras Chave:** Escola; Higiene; Educação Física.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the disciplining of children's bodies by introducing the disciplines of *Higiene* and *Educação Física* in schools in the city of Paraíba at the beginning of the twentieth century. There are new forms of sensibility defined by new standards of health standards that began to take shape in schools. A project that sought to build robust bodies, healthy and beautiful, who fought the dirty bodies and appreciated the clean. A proposal for medical-pedagogical that saw childhood the best time to implement a hygiene education, then the necessity of giving attention to the principles dictated by the teaching manuals of civility that wanted healthy bodies of historical and fragrant, fruitful and admirable. For that, I used as sources the newspapers *A Imprensa* and *A União*, and also a number of documents available. Based on this documentation, we could analyze the process of medicalization in primary schools in the capital of Paraíba.

**Keywords:** School; Health; Physical Education